

Manaus como cidade-sede da Copa do Mundo de Futebol: memória e acontecimento

Manaus as host city of the 2014 FIFA World Cup: memory and event

Claudiana NARZETTI
Universidade do Estado do Amazonas (UEA-PPGLA)

RESUMO: O presente trabalho versa sobre os enunciados produzidos acerca da cidade de Manaus como uma das sedes da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Esses enunciados, produzidos no período imediatamente anterior, durante e no período imediatamente posterior à realização dos jogos do referido torneio, por um lado, inserem-se numa rede de memória que atualiza uma memória sobre a cidade de Manaus e seu povo; por outro lado, dão lugar ao acontecimento, uma vez que, na série da qual fazem parte, esses enunciados efetuam nessa memória uma divisão em função dos interesses em jogo. Nossa análise tem por objetivo detectar os pontos de ativação dessa rede de memória e desse(s) acontecimento(s). O referencial teórico-analítico é o da Análise do discurso francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux. O corpus consiste em enunciados que circularam nos meios de comunicação tais como revistas e jornais, tanto locais quanto nacionais, em sua versão *online*.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso francesa. Memória. Manaus.

ABSTRACT: This paper discusses the statements made about Manaus as one of the host cities of the 2014 FIFA World Cup. These statements, made before, during and after the performance of the games in the city on the one hand, are part of a network memory that updates a memory of the city of Manaus and its people; on the other hand, give way to the event, as in the series to which they belong, these statements perform this memory a division based on the interests at stake. Our analysis aims to detect the activation points that memory network and that event. The theoretical and analytical framework is the french discourse analysis derived from Pêcheux papers. The corpus consists of statements that have circulated in the media such as magazines and newspapers, both local and national in its online version.

KEYWORDS: French discourse analysis. Memory. Manaus-Brazil.

Considerações iniciais

Maio de 2009. Manaus é escolhida como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol a ser realizada no Brasil no ano de 2014. Os manauaras vibram com a escolha e festejam a oportunidade de, pela primeira vez, sediar um evento de tamanha importância. Sobre o acontecimento esportivo-político, enunciados serão construídos recortando e alinhavando camadas de uma memória acerca da cidade. Um acontecimento discursivo ganha lugar com o aparecimento de duas formações discursivas contraditórias. Memória, acontecimento, formação discursiva... Temos aqui uma rede conceitual para alguns bem conhecida. Trata-se da Análise do discurso francesa, tal como proposta principalmente por Michel Pêcheux e seu grupo. É a partir dessa rede conceitual que abordo o acontecimento discursivo acima mencionado e o modo como esse acontecimento se dá num ponto de encontro entre uma atualidade (o acontecimento esportivo-político) e uma memória sobre Manaus.

Recebido em 05 de maio de 2015.

Aceito em 12 de junho de 2015.

Em função do problema investigado e das questões abordadas, minha exposição segue esta ordem: a. explicitação da perspectiva discursiva; b. exposição sobre o conceito de memória discursiva; c. explanação acerca do conceito de acontecimento e de sua relação com o de memória; d. exercício analítico sobre os enunciados que constituíram o corpus da pesquisa.

1. A perspectiva discursiva

A Análise do discurso francesa, especialmente a vertente associada aos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo, constituída nos anos 60, na França, propôs-se como empreendimento analisar as relações entre linguagem e ideologia, ou, mais especificamente, entre formações ideológicas, formações discursivas e discursos.

Configurando-se inicialmente como uma semântica materialista, ou discursiva, que tinha por intento esclarecer o fenômeno da variação do sentido de uma mesma palavra/expressão e o partilhamento de sentido entre palavras/expressões diferentes, a Análise do discurso (AD) não muito tarde derivou para uma teoria dos processos discursivos, visando a elucidar como se dava o processo de produção de discursos diferenciados sobre a base comum de uma língua partilhada pelos mais diversos grupos sociais, destacando as relações de interconstituição entre os discursos e as formações discursivas.

Devido à necessidade de esclarecer em que consistiu a especificidade desse campo de saber sobre o discurso e o sentido, em trabalho anterior (NARZETTI, 2012) abordei aquilo que julgo constituir os traços que marcam a especificidade da AD: as categorias de particularidade, de historicidade e de contradição/conflitividade. Retomo-as de modo sintético a seguir, esclarecendo de antemão que se trata de *categorias* (que traduzem certo ponto de vista) e não de *conceitos* da teoria do discurso.

A categoria da particularidade define o escopo a partir do qual o discurso e a formação discursiva (FD) são definidos, o que quer dizer que esses dois objetos teóricos não são nem individuais, nem universais, mas relacionados a grupos e a classes sociais.

Pêcheux (1993) define a particularidade do discurso, quando, revisitando a dicotomia saussuriana de língua e fala, avança que o conceito de discurso deveria ser pensado como um nível intermediário entre língua, que é universal, e fala, que é individual, nível esse correspondente à categoria sociológica da classe social em oposição, por um lado, a da sociedade e, por outro, a do indivíduo. A particularidade da FD, por sua vez, é definida quando Haroche, Henry e Pêcheux (2007) caracterizam-na como aquilo que estabelece o que pode e deve ser dito em dada conjuntura por certo grupo, e como um elemento de uma formação ideológica constituído pelo cruzamento entre uma região da ideologia e uma tendência de classe.

A categoria da historicidade nada mais é do que o fato de que o discurso e a FD são artefatos históricos: constituem-se e modificam-se em função das transformações sociais e discursivas que tomam lugar. Suas condições de aparecimento, transformação, e quiçá, desaparecimento, relacionam-se não somente à conjuntura das relações econômicas e sociais existentes e dos interesses em jogo, mas também às formas de aliança e de dominação entre formações discursivas (*cf.* PÊCHEUX, 1988).

Por fim, a categoria da contradição/conflitividade estabelece que os discursos e as FD estabelecem relações de contradição e conflito, porque relacionados às posições e aos interesses dos grupos que os sustentam, que são, por definição, contraditórios.

Pode-se, ainda, conceber que, juntamente com essas três categorias, a materialidade linguística do discurso apresenta-se também como marca da especificidade de AD francesa. Nesse sentido,

[...] adotar uma perspectiva especificamente discursiva em análise do discurso é o mesmo que reconhecer no discurso, como objeto, a imbricação de dois reais: o da língua, em sua autonomia relativa, e o da história, apreendido a partir da contradição das forças materiais que nele se confrontam (COURTINE, 2009, p. 235).

Nesse sentido, uma análise do discurso não pode esquecer nenhum desses dois reais, sob a pena de ou derivar para uma análise exclusivamente textual de um discurso (quando se esquece a história – particularidade, contradição) ou para interpretações meramente impressionistas (quando se esquece a língua).

2. Memória discursiva

Em sua análise do discurso comunista dirigido aos cristãos, Courtine (2009), para dar destaque à historicidade do discurso (o real da história), propõe que se entenda a FD como memória discursiva.

A FD seria essa memória de longo tempo, que permite que os enunciados vivam na grande temporalidade, e não se percam no tempo curto da atualidade da enunciação em um discurso (COURTINE, 2009). A memória discursiva é que torna possível que uma FD faça circular formulações anteriores, enunciados já-formulados, e que esqueça outro conjunto de enunciados. Trata-se de uma memória, no sentido estrito de que os enunciados mobilizados em certa conjuntura realizam “efeitos de memória” ao retomarem, para repetir, confirmar, refutar, questionar, denegar, enunciados já ditos naquela FD; e também ao esquecerem um conjunto de enunciados.

Pêcheux (2007), nessa mesma linha de reflexão, reproduz as formulações de Pierre Achard (2007) sobre o papel exercido pela memória: “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2007, p. 52).

Mas a memória é também “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas, e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2007, p.56). Ainda com base em Achard, Pêcheux enfatiza o aspecto da contradição e da conflitividade que se alia ao aspecto da historicidade.

3. Acontecimento

Uma das últimas noções sobre as quais Pêcheux refletiu foi a de acontecimento discursivo. Trata-se de uma noção típica do que se convencionou chamar de terceira época da análise do discurso, não tendo obtido maiores desenvolvimentos por parte do próprio filósofo. Podemos encontrar nas reflexões de Pêcheux pelo menos duas formas de abordar o acontecimento discursivo.

No mais famoso texto acerca dessa questão, “O discurso: estrutura ou acontecimento?”, Pêcheux (2002) define o acontecimento como aquilo que rompe o fio do tempo, como algo novo, inesperado, porém como possibilitado por uma rede de fatos ou de discursos, de modo que não possa ser concebido com um misterioso meteorito vindo do nada. Sua tese é de que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2002, p. 53).

O autor ensaia essa nova abordagem do sentido e apresenta essa definição ao analisar a transposição de um enunciado do campo do esporte (mais especificamente, do futebol) para o campo político, no momento em que um candidato de esquerda elege-se como presidente da França. O teórico do discurso observa que o enunciado (*On a gagné!*), no universo logicamente estabilizado do esporte, possui estabilidade semântica e inequivocidade, enquanto que, ao passar ao campo não logicamente estável da política, torna-se opaco e equívoco, isto é, dando margem a diferentes respostas para perguntas como *quem ganhou o quê?* (e, além disso, tornando possível a própria formulação da pergunta).

No referido artigo, Pêcheux retoma seu diálogo inquieto com Frege, porém agora incidindo sobre a distinção entre sentido e referência. Diz-nos o analista francês: os enunciados tematizando a eleição do presidente de esquerda, produzidos pelos jornais franceses, têm a mesma referência, mas não têm o mesmo sentido.

Em outro trabalho, da mesma época, Pêcheux (1990, p. 17) define acontecimento como aquilo que “rompe o círculo da repetição”. Sua reflexão centra-se na busca de elementos para uma genealogia dos discursos revolucionários, que se constituem sob a dominação interna da ideologia dominante. O autor, analisando fatos históricos como a revolução francesa e o maio de 68, dá exemplos de resistências que podem ser tomadas como primeiras formas de falha nos rituais que, por sua vez, estarão na base do surgimento do acontecimento (da formação do discurso revolucionário).

Em ambos os trabalhos, Pêcheux está preocupado em localizar pontos de deriva nos discursos, pontos nos quais se dê a irrupção do novo, em que está talvez questionando o conceito de paráfrase, ou pelo menos retirando as paráfrases e a repetição do foco da análise, para dar lugar à busca pelo novo, pela deriva do sentido.

3.1. Relação da memória discursiva com o acontecimento discursivo

O acontecimento, ainda que definido como aquilo que rompe o fio do tempo e o círculo da repetição, permanece profundamente histórico, pois que ele se dá no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória (PÊCHEUX, 2002). Todo acontecimento é, portanto, histórico, na medida em que a memória ali irrompe. Em retorno, o acontecimento reorganiza esse espaço de memória, podendo desestabilizar a regularização discursiva que a memória constrói.

A análise que empreendi acerca de enunciados tematizando Manaus como cidade-sede da copa do mundo de futebol revelou o acontecimento discursivo da constituição de duas formações discursivas distintas e contraditórias. Esse acontecimento não operou no sentido de romper o ciclo da repetição que a Pêcheux pareceu ser a marca do acontecimento. Na verdade, o acontecimento atuou no sentido de dividir a memória, separando nela os enunciados que podem servir a um e a outro interesse na relação de contradição/conflito que marca as relações sociais. A memória discursiva de Manaus e do manauara apareceu, assim, dividida em enunciados a serem retomados e reproduzidos, mas não indiscriminadamente, e sim em função dos interesses daqueles que os empregavam.

4. Os enunciados sobre Manaus cidade-sede – a memória dividida

Na série discursiva acerca de Manaus como cidade-sede há um conjunto de enunciados em franca contradição entre si, e que poderiam ser relacionados a dois discursos: um discurso favorável a Manaus como cidade-sede e outro discurso contrário. Trata-se de um acontecimento discursivo (surgimento de duas FD

contraditórias) cuja emergência atrela-se a um acontecimento social, a escolha de Manaus para ser uma das sedes da Copa de 2014.

Como dissemos acima, um dos pressupostos básicos da AD é que agentes sociais distintos são marcados por interesses também distintos e, por vezes, opostos. Por esse motivo, o discurso que sustentam também é opositivo.

Considerando a conjuntura histórica em que se inscrevem os enunciados do corpus, pode-se dizer que, grosso modo, o discurso favorável foi sustentado pelos seguintes agentes sociais: grande parcela da população manauara, mídia local, governantes nos três níveis (federal, estadual e municipal), partidos governistas e a Fifa. Já o discurso contrário à Copa em Manaus teve como principais enunciadores a grande imprensa, partidos de oposição ao governo federal, uma parcela da população manauara, membros ou porta-vozes de algumas seleções de futebol europeias.

É importante ressaltar, no entanto, que essa oposição discursiva não deve ser entendida como um enfrentamento de blocos homogêneos ou estanques. Tanto entre os agentes favoráveis à realização de jogos da Copa em Manaus quanto entre os contrários havia conflitos de interesses em várias esferas (econômica, política, esportiva, identitária etc.).

Assim, por exemplo, inicialmente o governo brasileiro e a Fifa tinham posições conflitantes quanto ao número e à localização das cidades-sede. A entidade futebolística defendia um número pequeno de cidades-sedes (de 8 a 10), situadas geograficamente próximas uma das outras (o que se traduziria na prática em concentrar a Copa nas regiões Sudeste e Sul), usando como argumentos a maior facilidade para o deslocamento de torcedores, jogadores e imprensa; a existência de uma infraestrutura (aeroportos, estradas, hotéis etc.) mais adequada e já pronta etc. Por seu lado, o governo federal contra-argumentava que, se a grande vantagem advinda do fato de sediar uma copa residia no incremento da economia e do turismo, essa vantagem seria melhor aproveitada por regiões menos desenvolvidas e com grande potencial turístico (o que se traduzia na prática em aumentar o número de cidades-sede, estendendo a Copa às regiões Norte, Centro-oeste e Nordeste). A FIFA cede quanto a esse ponto e seu discurso muda. Manaus, que inicialmente era preterida, passa a ser exaltada nesse discurso.

Outro exemplo pode ser encontrado na esfera da mídia. A grande mídia desenvolveu um discurso agressivamente crítico em relação às ações do governo na preparação da Copa. Manaus tornou-se um alvo privilegiado dessas críticas por algumas singularidades. A ausência de tradição futebolística na cidade e a construção do seu estádio, financiada pelo governo do estado, eram argumentos reiteradamente repetidos como provas de que a Copa no Brasil significava desperdício de dinheiro público. A mídia local, por sua vez, era frequentemente favorável à realização da Copa em Manaus, mas tornou-se também, pelo próprio modo como é feita, o veículo do discurso contrário produzido pela grande mídia. Assim, as emissoras de TV locais reproduziam, em sua programação nacional, um discurso desfavorável à realização da Copa em Manaus, enquanto na sua programação local adotavam um discurso geralmente inverso. Algo semelhante acontecia nos jornais locais, cujo conteúdo veiculado é na sua maior parte produzido por grandes empresas jornalísticas do sudeste.

Poderíamos continuar apontando outras contradições internas que afetam tanto o conjunto dos agentes sociais favoráveis à realização da Copa em Manaus quanto o conjunto dos contrários. Entretanto não é esse o foco do trabalho. Queremos destacar somente é que, a despeito da heterogeneidade dos fatores implicados na realização da Copa – fatores de ordem econômica, política, esportiva, identitária etc. – e das contradições de interesses entre agentes envolvidos, é possível perceber uma

confluência para duas posições discursivas opostas: uma que avalia positivamente a cidade e seus habitantes e outra que faz a avaliação inversa.

São essas duas posições contraditórias e conflitivas que nos interessa analisar, na medida em que produzem enunciados que mobilizam elementos distintos de memória acerca de Manaus. A memória da cidade é, assim, recortada, dividida, e retomada conforme os interesses daqueles que a recuperam.

4.1 Arena da Amazônia – de legado da Copa a elefante branco

Um dos temas centrais dos enunciados produzidos girou em torno da construção da Arena da Amazônia. Os contrários à Copa destacavam que se estava construindo um “elefante branco” em uma cidade sem tradição de futebol. Os favoráveis, por sua vez, insistiam em que os recursos gastos com a construção da Arena, vindos em parte dos cofres públicos, retornariam não por meio da realização de outros jogos, mas com o incremento no turismo, que viria durante e após a Copa. Exemplos:

(1): Vocês [...] estão criando um elefante branco para essa cidade que não tem tradições futebolísticas.

(2a): A construção do novo estádio deve ser equacionada nesse contexto, considerando que o retorno dos investimentos na arena virá do turismo, já a partir de 2013.

(2b): Para o Amazonas e a região Norte, a Copa vai deixar como legado a Arena da Amazônia [...].

Vocação para o turismo e vocação para o futebol foram dois elementos da memória de Manaus retomados distintamente. A propósito, a questão da vocação turística da cidade é rebatida a partir de vários outros elementos de memória. Um deles é o isolamento da cidade.

(3): Dez dias de copa e depois Manaus volta a ser o que era. Um monte de nada isolada no meio do mato!

A materialidade linguística do enunciado (3) evidencia como ele está em franca relação de paráfrase com este outro: “Quando a guerra acabou e os americanos foram embora, a cidade [Manaus] caiu novamente no marasmo” (SOUZA, 2003, p. 169). Esse enunciado de Márcio Souza descreve a situação da cidade de Manaus depois do encerramento forçado do ciclo da borracha e da onda de pobreza e isolamento que ele gerou para a cidade e seus habitantes.

A copa do mundo em Manaus faz reacender essa memória doída, ferida narcísica do manauara que perdeu sua fé na cidade. A copa em Manaus é associada ao efêmero ciclo da borracha, que por aqui passou, trazendo fortuna e colocando Manaus no centro das atenções, mas que logo se dissipou fazendo Manaus retornar ao nada que era.

4.2 Natureza e cultura versus degradação/falta de preservação

A natureza é o elemento mais ambivalente da memória de Manaus. Ela pode ser caracterizada positivamente como a principal riqueza e traço distintivo da cidade, ou como uma das principais riquezas ao lado da cultura local e da modernidade, marcada principalmente pela existência de seu polo industrial. Mas ela pode também ser caracterizada como um elemento negativo da cidade: Manaus, localizada no meio da floresta, seria um verdadeiro “inferno verde”.

No corpus, essas duas valorações conflitantes da natureza local apareceram.

Nos discursos favoráveis à Copa na cidade, destaca-se a exuberância/exotismo de uma cidade que está localizada no meio da floresta (ou selva) amazônica, mas que sabe aliar à preservação natural e cultural (valorização do passado e da tradição) a evolução (urbanização, industrialização e cosmopolitismo).

Vejam-se alguns enunciados que ilustram essas posições.

(4) Mas Manaus é exótica, diversificada e tem muito para oferecer, incluindo uma história fascinante e uma das mais impressionantes opera house do mundo.

(5) Muita natureza e prédios históricos compõem a paisagem da capital amazonense, ponto de partida para passeios ecológicos que apresentam a floresta Amazônica.

(6) [...] a capital do Amazonas é [...] um importante polo industrial, além do ecoturismo na Amazônia, que tem na cidade um ponto referencial de partida.

(7) Manaus, a metrópole da Amazônia.

(8) Manaus é uma cidade grande e, dificilmente, você vai ver onças e cobras atravessando a rua.

(9) Os gringos aprenderam que não tem macaco andando nas ruas de Manaus.

(10) Sempre digo que tem muita variedade [culinária] e não só peixe, como todo mundo pensa. Se quiser, tem comida italiana, mexicana, japonesa.

O discurso favorável à Manaus como cidade sede da Copa não pode opor natureza/cultura/tradição à modernidade/urbanização, como acontece em alguns outros discursos, como aquele que emerge na música popular amazonense (cf. TOMÁS, 2014), porque são esses traços que atraem o olhar do turista (estrangeiro e brasileiro). Em outras palavras: a oposição entre uma Manaus da natureza e uma Manaus da urbanidade não é permitida nessa FD. O que se opera aí é uma aliança entre esses dois polos da memória da cidade. Notem-se especialmente os enunciados (8) e (9).

Os discursos que expressam a posição dos grupos contrários à Copa em Manaus mobilizam a memória de Manaus como cidade inserida no meio da floresta, mas tematizam essa localização como algo negativo, de modo que a cidade aparece como um inferno verde. Insetos, animais peçonhentos, calor desautorizam a escolha da FIFA.

(11) Tarântulas, escorpiões, cobras, mosquitos e um calor de matar. Foi assim que Manaus, uma das cidades-sede da Copa de 2014, foi caracterizada por parte da mídia britânica.

(12) O clima é infernal. Calor demais para jogar futebol [...].

(13) O treinador da seleção suíça [...] classificou de “quase irresponsabilidade” Manaus ser escolhida [...]. Ele justificou a afirmação ressaltando que há muitas dificuldades em jogar no meio da Selva Amazônica.

Além do inferno verde, a memória da Manaus degradada/que não preserva seu passado áureo também é aqui mobilizada.

(14) A única coisa que ainda presta é a floresta, pois a cidade é um lixo com favelas e ruas esburacadas por todos os lados.

(15) [...] o centro de Manaus se resume no teatro Amazonas, a única coisa que restou da época da borracha. O resto é só favelas e ruas com esgotos a céu aberto.

4.3 A hospitalidade da cidade versus o despreparo da cidade

Outro aspecto da memória da cidade e do seu habitante é o da hospitalidade. Esse tema foi frequentemente mobilizado nos discursos favoráveis à realização do campeonato mundial em Manaus. Inclusive, foi usado como forma de amenizar um outro aspecto da memória frequentemente mobilizado nos discursos contrários ao campeonato na cidade: o do despreparo da cidade e do seu habitante.

A memória de Manaus é dividida também nesse aspecto – uma valorização do seu habitante pela sua hospitalidade e uma desvalorização pelo seu despreparo em relação, por exemplo, ao exercício da política, à administração do espaço urbano, ao atendimento ao público.

Esses aspectos contraditórios da memória local foram lembrados por um grupo e esquecidos por outro, conforme seus interesses em relação aos jogos na cidade.

Vejamos alguns exemplos de enunciados:

(16) Todos foram recebidos com hospitalidade e formalismo zero. A vontade de agradar superava a barreira da língua.

(17) Se o morador de Manaus não sabe inglês, ele acompanha o visitante até a porta do mercado.

(18) Vem assistir a copa aqui em Manaus... e será bem recebido.

(19) O principal desafio de Manaus para esta Copa é atender adequadamente – em padrões internacionais – os turistas que virão em 2014 e após o evento esportivo.

(20) Não tem gente capacitada para fazer de Manaus uma bela cidade.

Os enunciados (18) e (20) representam polos de lembrança e de esquecimento. O enunciado (18) “lembra” da hospitalidade e “esquece” do despreparo; o enunciado (20), por sua vez, faz o exato contrário. Os enunciados (16), (17) e (19) ficam numa espécie de aliança *lembrança-esquecimento*: ao mesmo tempo em que destacam a hospitalidade, rebatem por meio desse elemento de memória o outro elemento, não dito explicitamente (nesse caso, o da ausência de domínio de uma língua estrangeira).

5. Os enunciados sobre Manaus cidade-sede – legitimação de uma memória

Os enunciados analisados acima, em sua maioria, foram produzidos no período anterior à realização dos jogos na cidade. Nesse período, é notória a presença do fenômeno da divisão da memória discursiva acerca de Manaus, em função das formações discursivas em conflito.

Do momento da realização dos jogos na cidade (junho de 2014) em diante, a paisagem discursiva antes desenhada sofre uma mudança. A FD contrária à realização dos jogos na cidade parece perder espaço para a FD favorável. O discurso desta última parece dominar tranquilamente a cena.

O trabalho do discurso sobre a memória atua, agora, no sentido de confirmar aquilo que esse discurso sustentara, isto é, são ratificados os elementos da memória discursiva sobre a cidade agenciados para legitimar Manaus como cidade-sede de uma copa do mundo de futebol.

(21) 100% dos entrevistados na pesquisa [...] aprovaram a hospitalidade dos moradores.

(22) Escolha tão criticada antes do início do mundial, *até* os ingleses se renderam a cidade.

(23) Os turistas curtiram e não se importaram *muito* com o calor.

O enunciado (22) tem seu ponto de emergência na atualidade do acontecimento, e sua materialidade discursiva inclui um pré-construído proveniente do interdiscurso mais contemporâneo. Na época da escolha de Manaus como cidade-sede, as declarações do técnico da seleção inglesa acerca da cidade, especialmente do calor – vejam-se os enunciados (11) e (12) –, causaram grande impacto. No momento posterior à realização dos jogos, alguns anos depois da fatídica declaração, é chegado o momento de desconstruir a memória de Manaus como inferno verde. O operador argumentativo *até* (grifado por mim no enunciado) marca o argumento mais forte dentro de uma escala; nesse caso, o argumento mais forte é “os ingleses”, esses que haviam mais fortemente criticado a escolha da cidade. Se até eles (dentre os demais turistas) se renderam à cidade, então é porque ela soube de fato cumprir seu papel de anfitriã.

O enunciado (23) atua na mesma direção. Os turistas não se importaram *muito* com o calor (isto é, o calor não é tão insuportável como se afirmara).

Vale destacar outro enunciado que atua no sentido de legitimação de Manaus como cidade-sede, mas que se constrói pela presença, em seu interior, de um enunciado da FD contrária, que ele tenta amenizar, ou apagar, na forma sintática em que se apresenta o enunciado.

(24) Apesar das obras estruturais que não saíram do papel – como os prometidos investimentos em um novo e eficaz sistema de transporte para o tumultuado trânsito da capital – Manaus foi elogiada pela Fifa como uma das melhores capitais da primeira fase do Mundial.

Na estrutura sintática do enunciado, a oração subordinada concessiva tem o efeito de minimizar o problema que representa o não cumprimento de um dos projetos. O discurso mobilizado enfatiza o quanto a copa foi um sucesso em Manaus, às custas de uma amenização de uma meta não cumprida.

6. Memória, identidade e alteridade

No período que acabamos de mencionar, um outro trabalho ainda do discurso sobre a memória vai se configurar. E nesse discurso, um aspecto significativo da identidade de Manaus e do manauara será retomado: trata-se da necessidade de valorização da cidade e do seu habitante por meio da presença do estrangeiro ou por meio do contato com ele.

(25) Afinal presenciar um dos maiores clássicos do futebol *internacional* não é pra qualquer um e assistir a esse jogão, cheio de estrelas, *em casa, realmente é para comemorar*.

(26) Cristiano Ronaldo, o melhor jogador do mundo na atualidade. *É fato: ele estava entre nós*.

(27) *Inacreditável*: um dos maiores clássicos do mundo sendo disputado no calor e umidade amazônicos. Foi real.

(28) Manaus foi tomada por venezuelanos, colombianos, torcedores de todos os países que aqui jogaram, brasileiros de todos os cantos, e até japoneses.

Esse traço da identidade de Manaus, isto é, sua necessidade de legitimação pelo estrangeiro, é resultado da própria história da cidade e do estado do qual é capital, o Amazonas.

Toda a região denominada hoje de Amazônia e constituindo a região norte do Brasil, em sua origem, era uma colônia de Portugal na América, paralela a outra colônia, a do Brasil (grosso modo, regiões nordeste e sudeste). Em outras palavras: havia dois territórios distintos, com economia e cultura muito diferentes (Cf. SOUZA, 2003).

No período que vai do início da ocupação portuguesa (sec. XVI) até a independência de Portugal (sec. XIX), a referência do habitante da região são a cultura e a organização econômica da metrópole: ainda que o modo de vida efetivamente praticado fosse uma combinação de elementos da cultura europeia com elementos da cultura dos povos originários da região (os indígenas), a cultura estrangeira suplantou a local, construída ao longo de milênios.

Os relatos e registros que os primeiros viajantes fizeram da Amazônia (seus habitantes, sua natureza) constituíram-se como uma reinterpretação da cultura originária a partir do paradigma ocidental europeu cristão e medieval (Cf. GONDIM, 1994). Conseqüentemente, houve uma expropriação cultural que afetou os povos originários da

região e criou uma outra memória para o habitante local que logo começou a surgir: o caboclo.

A memória do manauara, do amazonense e do habitante da Amazônia é aquela que atribui ao olhar do estrangeiro a legitimidade de definir quem eles são. A presença do estrangeiro encantado com a natureza, a cultura e o cidadão local é garantia de valorização.

Além disso, a necessidade de se aproximar do estrangeiro, confundir-se com ele, também constitui a memória de Manaus e de seu cidadão. A arte amazonense seguidamente retrata esse aspecto da memória de Manaus. Torrinho e Aldízio Filgueiras, por exemplo, disseram sobre Manaus: “Porto de lenha/ Tu nunca serás Liverpool/ Com uma cara sardenta/ E olhos azuis”.

Esse traço identitário marca-se mais profundamente na identidade da mulher local, aquela que quer casar-se com o príncipe encantado estrangeiro. Veja-se o seguinte enunciado do corpus:

(29) [À noite] Surgem moças maquiadas, montadas no salto, sonhando com um príncipe encantando estrangeiro.

Tal traço da identidade da mulher manauara, ou mesmo amazônica, aparece frequentemente na literatura. Um exemplo é o conto “A Cunhã que amava Brad Pitt”, de Vera do Val. Nesse conto, uma moça pobre, moradora da região ribeirinha da cidade, é apaixonada pelo ator americano, de modo que não se interessa por nenhum rapaz local. A moça tinha tal paixão pelo ator que, sonhando com ele abraçada com seu poster, não se dá conta do incêndio que ocorre em seu flutuante e morre.

Considerações finais

No presente artigo, analisamos os enunciados produzidos acerca de Manaus como cidade-sede da Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil em 2014. Tais enunciados não representam uma posição homogênea sobre aquilo que tematizam, mas ao contrário, posições heterogêneas e conflitantes. Esses enunciados retomam a memória da cidade, presente enquanto elemento das formações discursivas que se configuraram ao longo de sua história, e operam nela uma divisão: elementos dessa memória são lembrados ou esquecidos conforme os interesses sociais envolvidos.

Não tivemos nenhuma pretensão de exaustividade, tanto no que se refere ao objeto estudado quanto no que respeita à abordagem que realizamos. No que tange ao objeto, isolamos apenas um aspecto bastante circunscrito que põe em tela de juízo a cidade de Manaus, sua memória e o acontecimento discursivo desencadeado pela Copa de 2014 acerca dessa cidade. No entanto, a Copa ultrapassa muito esse recorte. Acontecimento que apresenta muitas faces (a esportiva, a política, a econômica, a cultural) e é atravessado por muitos interesses contraditórios, a Copa no Brasil funcionou como um mecanismo proliferador de enunciados que constituíram uma verdadeira guerra discursiva com muitas frentes de batalha. O estudo da Copa enquanto acontecimento discursivo ainda não foi estudado em toda a sua riqueza e complexidade.

No que concerne à abordagem, também não pretendemos esgotar as possibilidades que a Análise do discurso francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux apresenta. Construída com objetivo de dar conta das lutas ideológicas em sua materialidade linguística, essa AD parece plenamente capaz de dar conta da beligerância discursiva que mencionamos há pouco.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: _____ et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. p. 11-21.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo : Marco Zero, 1994.
- HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. [1971]. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32.
- NARZETTI, Claudiana. Contribuições de M. Pêcheux e M. Bakhtin para o estudo das novas discursividades. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; KOGAWA, João M. M. (Orgs.) **Análise do discurso e semiologia**: problematizações contemporâneas. Araraquara-FCL: UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 57-79.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. p.49-57
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.
- _____. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 19, jul.-dez. 1990, p. 7-24.
- _____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.
- SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**. 2. ed. Manaus: Valer, 2003.
- TOMÁS, Lorena M. N. A mulher no discurso da caboclitude: Uma análise discursiva de letras de música popular amazonense. In: CAVALHEIRO, Juciane (Org.). **Abralin em Cena Amazonas**: estudos linguísticos e literários. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.
- TORRINHO; FILGUEIRAS, Aldízio. Porto de Lenha. Intérprete: Torrinho. In: Torrinho. **Porto de Lenha**. Rio de Janeiro, 1990.
- VAL, Vera do. **Histórias do Rio Negro**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.